

La Comédiathèque

Os Flamingos azuis



Jean-Pierre Martinez

comediatheque.net

**Este texto é oferecido gratuitamente para leitura.
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora,
deve obter a autorização do autor: <https://comediathèque.net>**

Os Flamingos azuis

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

A temporada começa mal para Rafael e Fanny, que acabaram de abrir um hotel chamado Os Flamingos em as Saintes Maries de la Mer: devido a uma greve que causou escassez de combustível, as cancelamentos começam a cair em cascata. Eles terão que convencer os poucos náufragos da estrada que chegaram ao seu hotel a prolongar sua estadia, e se possível atrair outros turistas para salvar o estabelecimento da falência. Felizmente, la Camargue e os camargués não carecem de encantos. E a recepcionista tem mais de um feitiço na sua bolsa... Uma comédia em forma de homenagem irreverente a esta mítica região francesa: La Camargue.

Personagens

Fanny e Rafael: os proprietários do hotel

Sara e Paco: a recepcionista e seu primo

Folco e Marius: o fazendeiro e seu filho

Patrick e Christelle: os turistas populares

Victor e Diane: os turistas aristocráticos

Sam e Fred: os turistas ecologistas

© La Comédiathèque

Ato 1

Cena 1

Um balcão de bar, que também funciona como receção, aberto para um terraço com uma ou duas mesas, cadeiras e espreguiçadeiras. Sobre o balcão, um letreiro de madeira com o nome do estabelecimento: Os Flamingos cor-de-rosa. O terraço tem vista para uma piscina que se imagina ao lado da sala. Além da piscina, em perspectiva, alguns lagos povoados, entre outras coisas, por flamingos cor-de-rosa. Fanny chega com um avental amarrado à cintura e um ar exausto. Ela senta-se numa cadeira e suspira. Rafael também chega, com uma macacão e um chapéu de palha na cabeça, igualmente exausto.

Rafael – Está um calor...

Fanny – E mal começamos a temporada.

Rafael – O que será em agosto...?

Pausa.

Fanny – Ao mesmo tempo, se estamos com calor é porque não paramos.

Rafael – Isso é certo...

Fanny – Teríamos menos calor se estivéssemos deitados numa espreguiçadeira junto à piscina com um copo de rosé bem gelado na mão.

Rafael – Não será neste verão, quando o hotel estiver lotado, que teremos tempo para isso.

Fanny – E se dermos um mergulho agora?

Rafael – Acabei de verificar, a água da piscina está a 14 graus. Correríamos o risco de um choque térmico.

Ele cai numa cadeira ao lado dela.

Fanny – E pensar que deixamos nossos empregos como funcionários para sermos nossos próprios chefes...

Rafael – E ter uma piscina.

Fanny – Quando a água estiver a 25, só poderemos ver os nossos clientes a nadar enquanto fazemos serviço no bar.

Rafael – Nossos próprios chefes, já viste... Fazemos todo o trabalho e nem sequer conseguimos encontrar alguém que nos ajude.

Fanny – Os novos hoteleiros são os escravos dos tempos modernos.

Rafael – Arrependes-te?

Fanny – Nem por um segundo. Enquanto rememos os dois no mesmo barco. E na mesma direção...

Eles fazem um gesto carinhoso.

Rafael – E se bebermos aquele rosé bem gelado mesmo assim?

Fanny – Não corremos o risco de um choque térmico...?

Rafael – É preciso viver perigosamente.

Ele levanta-se, vai atrás do balcão e serve dois copos de rosé.

Fanny – A propósito da piscina, já puseste o robô?

Rafael – Sim... Chamei-lhe R2D2...

Fanny – Quem?

Rafael – O robô. Parece-me mais simpático dar-lhe um nome. Afinal, é o nosso único funcionário...

Fanny – Pelo menos ele tem direito a um banho...

Rafael volta com os dois copos.

Rafael – Se ao menos pudéssemos ter robôs para todo o resto, seria o paraíso...
(*Oferece um copo a Fanny*) Olá, bonita. Posso oferecer-lhe um copo?

Fanny – Com prazer... Obrigada.

Rafael – De nada. Sou o Rafael.

Fanny – Encantada. Eu sou a Fanny. Vem você muitas vezes de férias aqui?

Rafael – Todos os anos. É um pequeno hotel que encontrei no site Overbooking ponto com. É verdade que os proprietários parecem um pouco loucos e bastante sobrecarregados, mas são bastante simpáticos. Olha, vou dar-lhes cinco estrelas...

Rafael digita no seu telemóvel.

Fanny – Ainda não houve resposta ao nosso anúncio para uma rececionista polivalente?

Rafael – Nenhuma.

Fanny – É incrível... E nós oferecemos um bom salário...

Rafael – De qualquer forma, seria a única dos três a ter salário.

Fanny – Pergunto-me se não será a fórmula "rececionista polivalente" que os assusta...

Rafael – Sobretudo porque especificamos que deveria falar inglês, que um terceiro idioma seria um plus, e que deveria ter uma apresentação impecável.

Fanny – Tens razão, deveríamos ter escrito "rapariga para tudo trilingue com físico de top model", teria sido mais claro.

Rafael – Propomos mais do que o salário mínimo, e terá alojamento e comida incluídos...

Eles terminam seus copos.

Fanny – Este rosé não está nada mal.

Rafael – E não é muito caro. É de um pequeno produtor local.

Fanny – Um pouco áspero, talvez, mas bem gelado desce muito bem.

Rafael – Tem que beber com muitos cubos de gelo, isso sim... Posso servir outro copo?

Fanny – Não seria razoável. Os nossos primeiros clientes chegam amanhã. Terminei a limpeza, mas ainda tenho que fazer todas as camas antes desta noite. São trinta e duas...

Rafael – Vou te ajudar. Quando terminar de cortar a relva.

Cena 2

Sara entra, vestida de forma bastante vulgar e com uma aparência geral um tanto descuidada.

Sara – Os Flamingos, são vocês?

Rafael – Sim, bem... é o nome do hotel, de fato.

Sara olha o lugar com certa suspeita.

Fanny – Não me diga que é para a inspeção sanitária, já passaram ontem.

Sara – Vim pelo anúncio.

Rafael – Ah, ok... Desculpe, não estávamos à espera...

Fanny – Estávamos mesmo a falar sobre...

Rafael – Sobre o perfil do cargo.

Sara – Mas, ainda estão à procura de alguém?

Fanny – Sim, bem... depende... Já fez isto antes?

Sara – Não deve ser muito complicado... O que é que se tem que fazer, exatamente?

Rafael – Bem... Atender o telefone, para começar. E receber os clientes quando chegarem. Temos uma clientela muito internacional, sabes?

Fanny – É um hotel de três estrelas.

Rafael – Fala um pouco de inglês?

Sara – Inglês?

Fanny – Italiano, talvez?

Sara – Falo um pouco de espanhol.

Rafael – Ah, sim, é...

Fanny – Mas não temos muitos espanhóis por aqui.

Sara – E, se não, quanto é que se paga?

Rafael – Mil e quinhentos euros. Líquidos...

Fanny – Alojamento e comida incluídos...

Sara – Bem, está bem... Para começar... Posso ver o meu quarto?

Rafael – Eh... Sim, temos um pequeno bungalow para hospedar um funcionário...

Fanny – É a porta azul, logo depois da piscina, mas...

Sara – Deixei a minha mala no carro, mas não se preocupem, eu me viro. Tem rodas...

Fanny – Bem...

Sara se prepara para sair, mas se vira uma última vez.

Sara – O café da manhã, a que horas é?

Rafael – Não se preocupe, os primeiros clientes só chegam amanhã à tarde.

Sara – Ah, não, eu queria dizer... para mim.

Fanny – Para ti?

Sara – Disseram que tinha alojamento e comida, não foi?

Rafael – Digamos às sete, então.

Sara – Sete? É que eu não sou muito madrugadora...

Fanny – Sete e meia está bem para ti?

Sara – OK... Mas vou ter que pôr o alarme...

Eles a observam se afastar. Silêncio.

Rafael – Aquilo foi mesmo uma entrevista de trabalho...?

Fanny – Parecia mais um check in, não?

Rafael – Ou um assalto...

Fanny – Vou ver o que ela faz...

Ela se levanta.

Corta.

Ato 2

Cena 1

Sara está sentada atrás do balcão, com o telemóvel no ouvido.

Sara – Bem, estou bem... Encontrei um trabalhinho num hotel... Está tudo bem... Os patrões estão completamente estressados, não sei porquê. É a primeira temporada deles, mas bom... Eu também nunca fiz isto antes! Tem que estar zen, sabes... (*O telefone fixo antigo, sobre o balcão, começa a tocar.*) Tenho que te deixar, tenho outra chamada... Espero que não seja inglês...

Ela guarda o telemóvel e olha o telefone fixo com curiosidade.

Sara – Como é que isto funciona...? (*Pega no auscultador desajeitadamente.*) Sim...? Sim, sim, está a falar com o hotel... (*Olha para o letreiro acima de sua cabeça.*) Os Flamingos, isso mesmo... Sim... Sim... (*Olha para o registo de reservas.*) O Sr. e a Sra. Martin, perfeito... Para uma semana em quarto duplo... Um cancelamento? E porquê? Uma morte na família? Oh... E quem faleceu? Seu marido? Isto não é uma piada, certo...? Bem... Não, o que é que quer que eu diga... Tenho que acreditar em si... Não, não duvido da sua palavra, mas... Não, também não lhe vou pedir o atestado de óbito... Bom, as minhas condolências então... E tenha umas boas férias de qualquer forma... (*Desliga o auscultador.*) Uma morte na família, claro... Já conhecemos a desculpa... (*Risca o nome no registo.*) Enfim, um problema a menos... Vai dar-nos menos trabalho... Estou com sede...

Ela abre o frigorífico atrás do balcão, tira uma lata, abre-a e começa a beber.

Cena 2

Fanny chega, com um macacão, com uma vassoura numa mão e um balde na outra.

Fanny – Tudo bem, Sara? Não está muito difícil?

Sara – Está indo...

Fanny (*irónica*) – Se tens sede, não hesites em tirar algo do frigorífico.

Sara – Sim, obrigada, já fiz isso...

Fanny – Novas reservas?

Sara – Não, infelizmente... Ah, mas tive o meu primeiro cancelamento.

Fanny – Não?

Sara – O Sr. e a Sra. Martin.

Fanny – Eles deviam chegar hoje!

Sara – Sim, mas já não vêm. A Sra. Martin está a enterrar o marido amanhã.

Fanny – O marido dela faleceu?

Sara – Suponho que sim... A menos que ela planeie enterrá-lo vivo...

Fanny – Que horrível.

Sara – Enfim, também não o conhecíamos pessoalmente.

Fanny – Estou a falar do cancelamento! Tinham reservado por uma semana... Isto começa bem...

Sara – Oh, sabes o que dizem?

Fanny – Não, o que dizem?

Sara – Um perdido, dez achados.

Fanny – Fico contente por ver que estás a encarar isto com filosofia... Desculpa-me, vou continuar com a limpeza...

Fanny prepara-se para sair.

Sara – Agora vai ser culpa minha... Não é coisa minha...

O telefone fixo toca novamente. Fanny pára. Sara não reage.

Fanny – Anda, atende!

Sara – Sim, já vou... Não há pressa... (*Pega no auscultador.*) Os Flamingos, diga... Desculpe? Pode falar mais devagar, por favor? Não, desculpe, não falo uma palavra de inglês... Está a ligar de Xangai...? Sim... Sim... Não... E porquê...? Pode repetir...? Bom... Está bem... OK, está anotado... Olhe, não entendo nada do que está a dizer... Pois, estou muito desapontada também... Bom, vou desligar porque a ligação está muito má. Cumprimentos... (*Desliga.*) É incrível, esta gente que vem fazer turismo em França e nem sequer se esforça para falar bem francês...

Fanny – Quem era?

Sara – Uma senhora chinesa, de uma agência de turismo de Xangai. Tinham reservado cinco quartos para um grupo de quinze...

Fanny – E então?

Sara – Eles também cancelam.

Fanny – E porquê?

Sara – Ela disse que têm medo das manifestações em Paris.

Fanny – As manifestações? Que manifestações?

Sara – Não sei... Ela disse as manifestações... Viram imagens na televisão chinesa... Vândalos a atacar lojas de luxo nos Campos Elísios, levando malas Louis Vuitton...

Fanny – Os Campos Elísios...? Estamos a mil quilómetros do Arco do Triunfo!

Sara – Sim, mas deviam aterrar em Paris para fazer umas compras antes de virem para sul. Então cancelam a viagem para França e vão para o Dubai em vez disso... Parece que há as mesmas lojas que em Paris e é mais barato.

Fanny olha para o registo e parece desmoronar.

Fanny – Quase todas as nossas reservas foram canceladas! Percebes?

Sara – Sim, é uma pena para vocês...

Fanny enfurece-se.

Fanny – Para nós? Porque achas que vamos te pagar por não fazer nada se o hotel estiver vazio? Podes começar a fazer as tuas malas... De qualquer forma, não tinhas o perfil do cargo...

Sara – Agora é preciso ter um doutorado em comunicação para atender o telefone num hotelito como o vosso.

Fanny – Anda, desaparece.

Sara – Vão ver, vão sentir a minha falta...

Sara vai embora.

Cena 3

Rafael chega.

Rafael – O que se passa?

Fanny – Já ouviste falar numa greve?

Rafael – Não... Temos trabalhado dia e noite durante uma semana, nem tivemos tempo para ouvir notícias... Há uma greve?

Fanny – Os chineses... Cancelaram...

Rafael – Não...?

Fanny – Cinco quartos de uma vez. E sem contar com a senhora Martin. Acabou de ligar para cancelar também...

Rafael – Por causa das greves? Pensei que vinha de Marselha...

Fanny – Pelo marido dela! Teve a brilhante ideia de morrer justo antes das férias.

Rafael olha para o balcão.

Rafael – E a rececionista, onde está?

Fanny – Digamos que terminei o período de experiência dela... Não vamos contratar pessoal se o hotel estiver vazio.

Rafael – Vou ligar o rádio... Espero que eles não estejam em greve também...

Fanny – Não te preocupes com isso, mesmo em caso de greve, continuam a transmitir más notícias.

Rafael vai para trás do balcão e liga um botão.

Locutor (*off*) – Devido a um movimento social que afeta todo o pessoal da Rádio França, o noticiário habitual é substituído por um boletim especial. A nova Presidente da República, recém-eleita, surpreendeu todos há uma semana ao anunciar um projeto de lei para adiar a idade legal de reforma para os 74 anos. Todos os sindicatos convocaram imediatamente uma greve geral para exigir a retirada deste projeto. Os aviões estão em terra tanto em Roissy como em Orly. Os comboios e metros não circulam na capital. E começa a faltar gasolina nos postos de abastecimento, especialmente na costa mediterrânea...

Rafael desliga o rádio.

Fanny – Isto é um pesadelo.

Rafael – Seis cancelamentos de uma vez...

Fanny – E as greves, como o vento que chamamos aqui de Mistral...

Rafael – Vêm do norte...

Fanny – E sobretudo... sabes quando começam, mas nunca sabes quantos dias vão durar...

O telefone toca. Rafael atende.

Rafael – Hotel Os Flamingos ao seu dispor... Sim... Sim... Bem... Não, claro... Não, não, não se desculpe... Entendo, claro... Isso... Talvez numa outra ocasião... (*Desliga.*) E um sétimo cancelamento...

Fanny – Receio que isto não tenha acabado.

Rafael – Escolheram bem o momento para fazer greve. Mesmo antes das férias. Podiam ter esperado até as pessoas já terem chegado...

Fanny – Reforma aos 74 anos, é uma loucura...

Rafael – Se as pessoas morrem antes de se reformarem, será a morte do negócio hoteleiro. Três quartos da nossa clientela são reformados.

Fanny – Menos mal que os nossos clientes já estão reformados.

Rafael – Sim, mas não serão eternos...

Fanny – Se não houver ninguém para os substituir antes dos 74 anos, seguramente não faremos bons negócios...

Rafael – Não devíamos ter aberto um hotel, mas sim uma residência de idosos com assistência médica...

O telefone volta a tocar. Olham um para o outro.

Fanny – Atende tu, não consigo...

Rafael atende.

Rafael – Hotel Os Flamingos, estou a ouvir... Sim...? Ah, sim, olá, como está? Sim, registámos esse pequeno problema, mas é algo temporário, garanto-lhe... Sim, claro, trataremos disso imediatamente... Isso... Obrigado pela sua compreensão... Tenha um bom dia...

Desliga.

Fanny – Outro cancelamento?

Rafael – O banco...

Fanny – E nós que contávamos com estas primeiras reservas para cobrir o nosso descoberto...

Desabam cada um numa cadeira, completamente deprimidos.

Rafael – Estaríamos melhor com o nosso emprego tranquilo na Prefeitura de Avinhão... em vez de nos metermos na hotelaria na esperança de ficarmos ricos...

Fanny – Ficarmos ricos, talvez não, mas pelo menos sermos independentes...

Rafael – Gastámos todas as nossas poupanças neste projeto.

Fanny – Sem falar no crédito...

Rafael – Não podemos nos dar ao luxo de falhar no início da temporada... Aqui, fazemos mais da metade do volume de negócios anual em três meses.

Cena 4

Sara passa puxando a sua mala com rodas.

Sara – Deixei as chaves na porta...

Ela está prestes a sair.

Fanny – Espera um segundo, não vás já assim... Lamento ter-me exaltado antes. Se pudéssemos manter-te, garanto-te que o faríamos. Mas todos os nossos clientes acabaram de cancelar as suas reservas.

Rafael – E estamos no vermelho no banco.

Sara – Não se preocupem, eu entendo... Estou no vermelho há dez anos...

Fanny – Senta-te por alguns minutos connosco, vamos tomar uma bebida... De qualquer forma, já não faz diferença... Queres um pouco de vinho rosé?

Sara – Está bem.

Sara senta-se, enquanto Rafael serve.

Rafael – O que fazias antes de abraçar a carreira de rececionista polivalente trilingue?

Sara – Era vidente.

Fanny – Ah sim...? Olha, nestes tempos, isso também poderia interessar-nos...

Rafael – Com certeza... O que se aproxima, não vimos vir.

Sara molha os lábios no rosé que Rafael acabou de servir e faz uma careta.

Sara – Depois de me despedir, estão a tentar envenenar-me, é isso?

Rafael – É para não termos que te pagar indemnização por despedimento.

Fanny também dá um gole.

Fanny – Sim, acho que não vamos repetir.

Sara – Vou dar-vos um endereço, se quiserem. Algumas caixas que caíram do camião e que um primo meu recolheu...

Rafael – Espero que as garrafas não tenham partido ao cair do camião.

Fanny – E o nosso futuro, como o vês?

Rafael – Em rosa, como o dos flamingos?

Fanny – Ou em negro, como o da senhora Martin?

Sara – Deixa-me ver a tua mão...

Fanny estende a mão, sem convicção, e Sara observa a sua palma atentamente.

Rafael – E então?

Sara levanta a cabeça.

Sara – Vejo novos clientes a chegar hoje...

Fanny – E vês isso nas linhas da minha mão?

Sara – Sim... E também no estacionamento. Há um carro que acabou de estacionar...

Fanny e Rafael olham para o estacionamento.

Rafael – Ah, sim... Embora não estejamos à espera de mais ninguém.

Cena 5

Patrick chega, com a panóplia completa do turista um pouco vulgar, incluindo uma camiseta com a imagem de Johnny Halliday. Ele é seguido por Christelle, sua esposa, de aparência igualmente popular. Patrick segura um mapa de estradas na mão.

Patrick – Senhoras e senhores, desculpem a interrupção na hora do aperitivo...

Christelle – Podemos fazer uma pergunta?

Fanny – Claro...

Patrick – Sabem onde estamos?

Sara – Claro que sabemos onde estamos. Nós vivemos aqui!

Rafael – Vocês estão em as Saintes Maries de la Mer, querido senhor...

Patrick – Vês, Christelle? Eu tinha razão! Estamos em Sainte-Marie la Mer. Vi o sinal ao chegar. Eu sei ler, hein!

Christelle – Mas que tolo és tu! As Saintes Maries de la Mer, não Sainte-Marie la Mer. Eu disse que não inseriste corretamente o endereço no GPS.

Patrick – As Saintes Maries de la Mer, Sainte-Marie la Mer... É a mesma coisa, não é?

Fanny – Não exatamente, temo. As Saintes Maries de la Mer estão no departamento de Bocas do Ródano, enquanto Sainte-Marie la Mer fica nos Pirineus Orientais.

Christelle – Vês, Patrick! Sempre queres ter razão!

Rafael – Permitam-me... (*Pega o mapa de Patrick, coloca-o sobre a mesa e mostra as Saintes Maries de la Mer.*) Estamos aqui. E Sainte-Marie la Mer está aqui...

Patrick e Christelle olham para o mapa.

Patrick – Aqui?

Fanny – Em Camargue.

Patrick – O que estamos fazendo em Camargue? Não está no nosso trajeto.

Sara – Depende, para onde vocês estão indo?

Christelle – Estávamos tentando ir para Espanha.

Rafael – Ah, nesse caso, as Saintes Maries de la Mer definitivamente não estão no vosso caminho.

Sara – Além disso, as Saintes Maries de la Mer estão no meio do nada. Ninguém chega aqui por acaso...

Christelle – Então, Patrick, serás o primeiro. Oh, podemos dizer que és realmente o rei. O rei dos tolos.

Patrick – Então não estamos no caminho para a Espanha...?

Christelle – Estamos num beco sem saída, te digo! Sainte-Marie la Mer, sim, está no caminho para a Espanha.

Patrick – Íamos encontrar uns amigos na Costa Brava. Estávamos planejando fazer uma parada em as Saintes Maries de la Mer.

Rafael – Quer dizer em Sainte-Marie la Mer, imagino...

Christelle – Tínhamos reservado num pequeno hotel. Os Flamingos, exatamente.

Fanny – É verdade que também há flamingos por lá. E, ao que parece, também há um hotel com esse nome.

Patrick – Confiei no meu GPS. E segui as indicações...

Christelle – E logo depois do sinal de as Saintes Maries de la Mer, ficamos sem combustível.

Patrick – É que não há muitos postos de gasolina por aqui, e todos os que vimos não tinham gásóleo.

Christelle – O que vamos fazer agora?

Patrick – Vamos acabar encontrando gásóleo. Apenas desviamo-nos um pouco, é tudo...

Christelle – Chamas a isso um pequeno desvio? Não tens vergonha...

Sara – Posso ver a tua mão?

Christelle, um pouco surpreendida, estende a mão. Sara examina as linhas de sua palma.

Christelle – E então?

Sara – Não vão para a Espanha, acreditem em mim.

Patrick – E por que não iríamos para a Espanha?

Sara examina novamente a palma de Christelle.

Sara – Uma grande desgraça cairá sobre vocês se cruzarem a fronteira.

Christelle – És vidente?

Rafael – Vidente e... rececionista.

Fanny – Mas acreditem, é melhor vidente do que rececionista.

Patrick – Vidente...? Caramba...! E o que é que vês?

Sara – Vejo... cornos.

Christelle – Cornos?

Patrick – Não sou eu que os tenho, espero...

Sara – Vejo o teu marido, atravessado por um touro.

Christelle – Aqui também há touros. Vimos muitos à beira da estrada.

Patrick – Por um momento, até pensei que já estávamos em Espanha.

Sara – Sim, mas esse touro é espanhol, não há dúvida.

Christelle – Como podes saber?

Sara – O touro espanhol é muito maior... e muito mais agressivo. O teu marido não é toureiro?

Christelle – Toureiro, o meu Patrick? Já tem problemas em matar um mosquito num quarto, quanto mais um touro numa arena...

Sara solta a mão de Christelle.

Sara – De qualquer forma, desaconselho-vos a irem para Espanha. Seria a vossa última viagem juntos...

Christelle – Não temos intenção de nos mover daqui por enquanto. Se todas as bombas de gasolina estão secas.

Patrick – Resta-nos apenas dormir neste buraco.

Christelle – É verdade que isto é como num filme de cowboys, não é?

Fanny – Na verdade, muitos filmes do oeste foram filmados aqui... A Camargue é uma terra de cinema. É uma ficção inventada por alguns homens com convicções, que se tornou realidade porque todos os camargueses quiseram acreditar nela. A Camargue é, antes de tudo, uma história de fé...

Pausa.

Sara – Sabiam que Johnny Halliday filmou um filme aqui?

Patrick – Não...

Fanny – "De onde vens, Johnny?"

Patrick – Eu sou Patrick. E venho de Paris.

Fanny – "De onde vens Johnny?" é o título do filme. Mas de certeza que conhecem a música.

Patrick – Que música?

Rafael – "Para mim a vida vai começar." (*Cantando*) "Pour moi la vie va commencer...".

Pode haver neste momento um pequeno interlúdio musical com a música de Johnny, seja em banda sonora, em play back ou ao vivo acompanhada de uma pequena coreografia.

Christelle – Ah sim... É uma das tuas músicas favoritas, Patrick...

Fanny – Verão... Para vocês também, a vida vai começar na Camargue.

Sara – De qualquer forma, acabará prematuramente se forem para a Costa Brava...

Patrick e Christelle olham-se, hesitantes.

Patrick – Bem... De qualquer forma, não temos muita escolha. Têm quartos disponíveis?

Sara – Já sabem, nesta época, o hotel está lotado. Mas esperem, vou verificar. (*Abre o registo e olha*) Ah, têm sorte, o quarto nove acabou de ficar livre... O senhor que o tinha reservado morreu ontem.

Christelle – Vamos ficar com ele para esta noite, então... E amanhã será outro dia...

Rafael – Vou mostrar-vos o quarto...

Rafael sai com Patrick e Christelle.

Fanny – Acho que te subestimei no final. Se concordares, ficas.

Sara – Como rececionista ou como vidente?

Fanny – Dissemos rececionista polivalente, certo? Vou ver o que fazem...

Fanny sai.

Cena 6

Sara deita-se numa espreguiçadeira.

Sara – O que fariam sem mim...?

Ela fecha os olhos e parece adormecer. Victor e Diane chegam. Têm um ar da velha França aristocrática e muito católica. Victor segura um bidão de gasolina em cada mão, a sua esposa carrega malas Vuitton.

Victor – Definitivamente, esta pequena peregrinação a Saintes-Maries de la Mer está a tornar-se num calvário... Passamos por doze estações sem encontrar gasolina.

Diane – Não blasfemes, Victor. Estamos apenas sem combustível. Além disso, estamos em França, claro. Não estamos no meio do Saara.

Victor – No Saara, já teríamos encontrado petróleo...

Diane – Vê lá, talvez não estejamos no deserto, mas não vejo ninguém...

Victor – O estalajadeiro não deve estar muito longe.

Olham à volta e finalmente vêem Sara, adormecida.

Diane – Ah, sim, há alguém...

Victor – Deve ser uma cliente, como nós.

Diane – Não a vamos acordar...

Victor deixa cair um dos seus bidões, e Sara acorda sobressaltada.

Sara – Ah, desculpa... Acho que tirei uma soneca rápida...

Victor – Lamento tê-la arrancado dos braços de Morfeu, estimada senhora. Estávamos à procura da rececionista.

Sara – A rececionista? Sou eu... Bem, comecei esta manhã, fui despedida por volta das dez e acabaram de me recontratar.

Diane – Passamos uns dias na Riviera com uns amigos que têm um pequeno castelo lá. Aproveitamos para fazer uma peregrinação a Notre-Dame-de-la-Mer, mas somos vítimas colaterais dos tumultos em curso contra o adiamento da idade legal de reforma.

Victor – Nós, que nunca trabalhamos na vida, admite que é cómico, não?

Diane – Enfim, temo que sejamos obrigados a passar a noite nesta estalagem. Haverá por acaso dois quartos disponíveis?

Sara – Porquê? Dormem em quartos separados?

Victor – Não, o segundo quarto é para a nossa filha. Está ali, a admirar os touros... Aliás, tenho a impressão de que estão no cio, não?

Sara – Quantos anos tem a vossa filha?

Diane – Trinta e dois anos.

Sara – Dois quartos, então... Trinta e dois anos... É verdade que é um pouco velha para ser a cabra do mato... Esperem, vou verificar... (*Abre o registo e finge que o examina*) Sim, têm sorte, são os meus dois últimos...

Victor – No entanto, só há um carro no estacionamento...

Sara – A esta hora, já sabem, toda a gente está a passear. Há tantas coisas para fazer na Camargue. Mais do que na Riviera, de qualquer forma.

Diane – Vamos aproveitar para descansar um pouco, então...

Sara entrega-lhes duas chaves.

Sara – Aqui estão as vossas chaves.

Diane – Obrigada. Vens, Victor?

Victor – Já vou.

Diane – E deixa esses bidões no pátio. Não vais levá-los para o quarto, cheiram a gasóleo...

Saem.

Sara – Esta manhã não para. Se continuar assim, vamos ter que recusar as pessoas...

Sara sai.

Cena 7

Chegam Sam e Fred, duas mulheres de aspeto intelectual e ecológico. Trazem capacetes de bicicleta e mochilas. Sam tem uma câmara fotográfica pendurada ao pescoço.

Sam (*olhando para o público*) – Oh, olha! Flamingos cor-de-rosa!

Fred aproxima-se.

Fred – É incrível... Nunca tinha visto um... Estás certa de que são flamingos cor-de-rosa?

Sam – Bem, são cor-de-rosa...

Fred – Ah, sim...

Sam – Mas também reconheço uma garça, uma avoceta, um papa-ratos-branco... e um abutre-do-egipto. Nunca tinha visto um tão grande.

Fred – Nem eu... Exceto talvez a minha sogra.

Sam – A tua sogra parece um abutre?

Fred – Em todo caso, é carrancuda.

Sara regressa.

Sam – Ah... Falando em pássaros estranhos, acho que vejo outro espécime...

Sara – Também estão sem combustível?

Fred – Viemos de Arles de bicicleta, para passar uns dias na Camargue.

Sam – Além disso, até em Paris, desistimos do carro há alguns anos.

Fred – Que não haja mais gasolina nas estações de serviço é a melhor coisa que pode acontecer ao planeta, não?

Sara – Oh, sabem, não me meto em política... Reservaram um quarto?

Sam – Temos por princípio nunca reservar nada com antecedência. Preferimos improvisar.

Fred – Estar sempre onde não nos esperam.

Sara – Nesse caso, estão no sítio certo. Não esperávamos vocês de todo. Querem um quarto, então, ou...?

Sam – Dois quartos, se possível... E com banheira, se tiverem. Sonho em tomar um banho há três dias.

Fred – Mas se não tiverem mais quartos, não tem problema. Somos grandes viajantes, habituadas a sobreviver nas condições mais precárias.

Sam – No ano passado fomos ao Nepal e dormimos numa iurta com lhamas.

Fred – Lhamas, dizes? As lhamas eram no Peru, não?

Sam – Os iaque, não me lembro bem. De qualquer forma, posso dizer-te que não cheirava a rosas.

Fred – Então, se não tiverem mais quartos, podemos dormir no estábulo com os cavalos. Não poderia ser pior.

Sara – Não sei se os cavalos concordariam, mas não será necessário. Vou dar-vos as chaves imediatamente...

Fanny regressa e sorri ao ver as recém-chegadas.

Fanny – Bom dia, senhoras, bem-vindas ao nosso hotel.

Sam – Obrigada.

Sara entrega-lhes duas chaves.

Fred – Se não te importares, preferia evitar o 13.

Sam – A minha amiga é um pouco supersticiosa...

Fanny – Em nenhum hotel encontrará um quarto 13, querida senhora.

Fred olha para a sua chave.

Fred – O 9! É o meu número da sorte! Obrigada!

Sam e Fred saem.

Fanny – Parece que o negócio está a melhorar. Há uma hora, todas as nossas reservas foram canceladas e agora estamos quase completos... No final, pergunto-me se não serás o nosso amuleto da sorte...

Sam regressa.

Sam – Desculpa, esqueci-me de perguntar. A que horas é o pequeno-almoço servido?

Fanny – Oh, à hora que quiser, querida senhora. Estão de férias, afinal. Não vamos pedir-vos para se levantarem às...

Sam – Então, tomarei o meu às seis da manhã. Sou fotógrafa de animais. Bem, em amadora. E o melhor momento para tirar fotos é ao amanhecer. Quando as aves noturnas ainda estão e os turistas não se levantaram...

Sam sai. Sara lança um olhar incrédulo a Fanny.

Sara – Às seis da manhã...?

Fanny – Não te preocupes, eu trato disso... De qualquer forma, não tenho dormido muito estes dias...

As luzes apagam-se.

Ato 3

Cena 1

Victor e Diane estão cada um numa espreguiçadeira. Victor lê "La Provence". Diane lê "Crin Branco".

Victor – O que estás a ler?

Diane – "Crin Branco".

Victor – Ah, sim?

Diane – Encontrei-o na biblioteca do hotel.

Victor – É bom?

Diane – É a história de um cavalo.

Victor – Pensei que fosse a história de um cão.

Diane – Estás a confundir com "Dente Branco".

Victor – Ah, sim, pode ser.

Diane – Parece fazer parte dos romances fundadores da identidade camarguesa. Não sei porquê, porque não é lisonjeiro para os vaqueiros camargueses...

Victor – Ah, sim?

Diane – Em qualquer caso, é uma história terrível.

Victor – Sobre o que é?

Diane – É a história de uma amizade entre um rapaz e um cavalo selvagem.

Victor – Então, é uma bela história.

Diane – Ambos morrem no final.

Victor – Ah, percebo...

Diane (*quase a chorar*) – É realmente terrível...

Victor – Bem, é folclórico, não é? Os vaqueiros já não existem.

Folco, o pai de Fanny, chega vestido de vaqueiro e com um aspeto bastante severo.

Diane – Parece que sim...

Victor – Bom dia, senhor.

Folco – Querida senhora... Senhor...

Victor – Que bom vento te traz, amigo? Há um espetáculo com trajes na aldeia?

Folco parece ofendido com essa familiaridade.

Folco – Não é o vento que me traz aqui, senhor. Eu nasci nesta terra. Assim como minha família, por mais de dez gerações.

Victor – Desculpe, não percebi que estávamos entre pessoas do mesmo mundo.

Folco – O mundo? Conheço apenas um. No entanto, está povoado por uma grande variedade de idiotas...

Victor levanta-se para cumprimentar Folco de maneira mais formal.

Victor – Permita-me apresentar-me, Victor de la Motte de la Taupinière, barão de Coursensac...

Folco aperta a mão que Victor estende.

Folco – Folco de o Mas de la Renardière, proprietário da ganadaria do mesmo nome. Sou o pai da Fanny, sua anfitriã. Nossa família cria touros de lide e cavalos camargueses.

Christelle – Senhor Victor. Os vaqueiros são os cavaleiros da era moderna, e os criadores de gado são de certa forma seus senhores.

Folco – Já tínhamos alguns cavalos em pensão. Infelizmente, recentemente também tivemos que ter em pensão alguns turistas...

Diane – Entendo, temos amigos que têm um castelo na Normandia, e para mantê-lo, tiveram que despedir a criada e abrir quartos de hóspedes.

Victor – E agora são eles que servem o café da manhã aos plebeus de passagem... Que ironia, não é?

Parece que o sombrio Folco não acha graça nisso.

Diane – Mas conte-me, está soprando desde que chegamos!

Victor – Sim, Este vento é infernal! Nunca para?

Folco – Senhora, na Provença não há vento. Há o Mistral, que é completamente diferente.

Victor – Sim, bem... é mais ou menos a mesma coisa, não é? É um vento do Norte, acho...

Folco – De fato, o Mistral vem do Norte, assim como os turistas. Mas, ao contrário dos parisienses, faz parte da família. Aí está a diferença...

Fanny chega.

Fanny – Ah, papai... Já conheceste nossos hóspedes...

Diane – Sim... O senhor estava nos falando sobre o Mistral.

Fanny – É verdade que hoje está soprando um pouco. A vantagem é que seca a roupa e afasta as nuvens. Vejam, o céu está completamente azul!

Folco – O Mistral também afasta os mosquitos. Infelizmente, nem sempre sopra o suficiente para afastar os turistas...

Fanny – Folco é um verdadeiro camargués, sabem. Ele tem montes de histórias para contar sobre a região. E se quiserem dar um passeio a cavalo, ele tem uma ganadaria logo ali...

Victor – Ah, sim, por que não... Somos membros de um clube de equitação em Paris, e frequentemente fazemos passeios pelo Bois de Boulogne.

Folco – A Camargue não é o Bois de Boulogne, verão. A fauna é muito diferente. Aqui, há mais animais com penas do que bestas peludas.

Fanny – Meu pai está brincando, claro. Bom, papai, venha comigo, queria te mostrar a caldeira. Não sei o que aconteceu, ela está fazendo um barulho estranho desde esta manhã...

Fanny e Folco saem.

Diane – Folco... o nome combina com ele... Ele é realmente folclórico... Aliás, é curioso, ele tem o mesmo nome que aquele pobre rapaz em "Crin Blanco"... e que aquele famoso barão que supostamente inventou a Camargue.

Victor – Como assim, inventou? Estamos em um país que não existe, cercados de personagens de ficção?

Diane – Algumas ficções, quando são bonitas, são mais reais do que realidades mais sombrias.

Victor – Logo vais me dizer que estamos atuando em uma peça de teatro...

Olham um pouco preocupados para a plateia, antes de voltar à "realidade" da peça.

Diane – E o seu jornal? As notícias são boas?

Victor – Se seguirmos os jornais deles, esses do sul só festejam. É incrível. Está classificado por cidade. Todos os dias há festividades em algum lugar...

Diane – Se pergunta quando eles têm tempo para trabalhar.

Victor – Devíamos ler mais o jornal regional diário, mesmo em Paris. Te garanto que é menos deprimente do que o Le Figaro. Principalmente a seção de obituários. Como não conhecemos ninguém...

Diane – Aliás, não sei se te disse, mas a Baronesa de Casteljarnac nos deixou na semana passada. Infelizmente, com essas greves, não poderemos ir ao funeral dela. É uma pena...

Victor – Sim, o funeral do marido dela foi muito bem...

Diane – Por muito que digamos, na alta sociedade ainda sabemos enterrar os nossos mortos com grande pompa.

Victor – É verdade. Nem mesmo sei por que é que para as pessoas pobres sempre se chama a isso de funerais. Na maioria das vezes, nem há uma cerimónia na igreja...

Diane – Aliás, temos que ir.

Victor – Para onde?

Diane – Para a missa!

Victor – Ah sim, esqueci-me completamente. Quando estamos de férias...

Diane – Já que se apresenta a oportunidade, uma missa em Notre Dame de la Mer, não podemos perder...

Victor e Diane saem.

Cena 2

Chegam Sam e Fred.

Fred – Já viste esse céu? Que azul! Parece um Van Gogh.

Sam – Sim, se tirarmos a piscina... é muito pitoresco.

Fred – Sabias que Van Gogh passou uma semana na Camargue? Em 1888, exatamente.

Sam – Não, não sabia...

Fred – Ele escreveu umas cartas muito bonitas para o irmão. E pintou seis quadros lá...
(*Um momento*) E tu, o que estás a ler?

Sam – Mireille. Ela também fez uma peregrinação a Saintes-Maries-de-la-Mer. Mas não lhe correu bem.

Fred – Mireille Mathieu? Acho que é de Avinhão. Fez uma peregrinação a Saintes-Maries-de-la-Mer?

Sam – Mireille! O poema épico de Frédéric Mistral. O célebre autor provençal.

Fred – Ah, sim... E por que é que não correu bem àquela Mireille?

Sam – Morreu.

Fred – Para uma peregrinação, certamente... Não é boa publicidade.

Sam – É por isso que há mais peregrinos em Lourdes do que em as Saintes-Maries-de-la-Mer...

Fred – Por outro lado, aqui... está o mar.

Sam observa os pássaros com binóculos.

Sam – Todos estes pássaros, é realmente magnífico...

Folco volta.

Folco – Senhoras...

Sam – Bom dia, senhor. Pelo que vejo na sua indumentária, imagino que seja da região.

Folco – Sim, nasci aqui, senhora. Um dos últimos a nascer em Saintes-Maries-de-la-Mer.

Fred – A natalidade está a diminuir?

Folco – Não, mas não há uma maternidade num raio de 30 quilómetros.

Fred – Posso fazer-lhe uma pergunta?

Folco – Se desejar...

Fred – Sempre me perguntei por que é que os flamingos levantam uma pata para dormir...

Folco – Os especialistas em ornitologia debatem sobre isso desde sempre. Mas a teoria mais comumente aceita é que se levantassem as duas patas, cairiam.

Fred – Ah, já percebi...

Sam (*em voz baixa para Fred*) – Deve ser humor camargués... (*Para Folco*) De qualquer forma, esta paisagem é realmente plana... É ainda mais plana do que a Holanda.

Fred – Sim... Poder-se-ia dizer que aqui também é a terra plana.

Folco – Provavelmente por isso é que os Flamengos vêm cá passar o verão.

Um momento.

Fred – Ah, os Flamengos... Não tinha percebido... Muito engraçado...

Sam – Acho que ele cria gado, não?

Folco – Não crio gado, senhora. Crio touros de lide e cavalos camargueses.

Fred – Somos contra as touradas, aviso já.

Sam – E também não comemos carne.

Folco – Mas têm uma bicicleta elétrica cujas baterias são fabricadas na China. Os cavalos que monto, eu, crio-os aqui.

Fred – Mas os touros, esses come-os.

Folco – Sim... Mas antes disso, passam toda a sua vida em liberdade. Não nas jaulas de uma fábrica de carne.

Sam – Alguns acabam na arena de qualquer forma.

Folco – De fato... Mas aqui, é mais a corrida camarguesa. E na tourada camarguesa, não há morte. Nossos touros têm nomes, muitas vezes vivem muito tempo, em plena natureza. Quando morrem, enterramo-los de pé, com a cabeça virada para o mar. E aos melhores deles, até lhes erguemos estátuas...

Fred – É verdade... Acho que vi a estátua de um touro, perto das arenas.

Folco – Vovo.

Sam – Desculpe...?

Folco – É o nome desse touro mítico... Conhecem muitos porcos a quem se erguem estátuas?

Fred – Não... Tirando alguns políticos...

Folco – Então veja, senhora, aqui respeitamos os animais. E diria até que os veneramos.
Folco vai embora.

Fred – Esqueci-me de perguntar por que os flamingos são cor-de-rosa.

Sam – Fizeste bem... Acho que ele estava um pouco... zangado. Bem, e se dermos uma volta de bicicleta? Vens?

Fred – Sim... Ao mesmo tempo, pergunto-me se ele não tem razão... É tão plano aqui... Não sei se era necessário alugar bicicletas elétricas...

Cena 3

Entra Marius, com ar de playboy. As duas mulheres parecem emocionadas.

Marius – Bom dia, senhoras!

Sam – Bom dia, jovem.

Marius – Sou o irmão da Fanny.

Fred – Ah sim? Ela não nos tinha mencionado que tinha um irmãozinho.

Marius – Ocupo-me dos cavalos no rancho ao lado, com o meu pai. Se algum dia quiserem dar um passeio...

Sam – Ah, sim, isso... Dá vontade de andar a cavalo...

Fred – Quase dá vontade de ser o cavalo...

Marius – Vejo que é fotógrafa... O cavalo, sabe, é a melhor maneira de se aproximar das aves sem as assustar...

Sam – Estou convencida. Vamos lá sem falta, não é, Fred?

Fred – Com prazer...

Marius – Já andaram a cavalo antes?

Sam – Na verdade, não... Normalmente sou contra a exploração animal, mas bem... Não se deve ser demasiado sectário também...

Marius – Os nossos cavalos estão muito bem cuidados, vão ver.

Fred – Estou certa disso.

Marius – Também posso oferecer um passeio de barco, ou uma introdução à dança acrobática...

Sam – A dança acrobática... Ah sim, isso... Também poderia interessar-nos, não é, Fred?

Fred – Bem, desde que começemos devagar, porque já faz muito tempo que não tivemos oportunidade de praticar...

Sam – Mas o senhor, por outro lado... É o desporto e a vida ao ar livre que lhe dão esse rosto fresco e essa aparência atlética.

Marius – Também sou bombeiro voluntário.

Fred – Claro...

Sam – Com a aparência que tem, poderia até ser modelo, asseguro-lhe...

Fred – Ou cantar numa boy band camarguesa.

Sam – Nunca pensou em atuar no cinema?

Marius – Para ser sincero, deixei-me convencer por um amigo a concorrer ao concurso de Mister Camargue.

Sam – Mister Camargue?

Marius – É como Miss Camargue, mas para homens.

Fred – Claro...

Sam – E quando é esse concurso?

Marius – Sábado à noite. Nas arenas.

Fred – Pessoalmente, dar-lhe-ia as duas orelhas e o rabo...

Marius – Então venham simplesmente! Toda a gente pode votar, sabem?

Sam – Normalmente, não frequentamos as arenas...

Fred – Nem concursos de misses...

Sam – Mas afinal, por que não?

Marius – Então vemo-nos em breve!

Marius sai.

Fred – É certo que parece saído de um calendário de bombeiros, não é?

Sam – Em qualquer caso, dá vontade de votar nele...

Fred – Espera... ainda não vimos os outros candidatos.

Sam e Fred saem.

Cena 4

Entram Patrick e Christelle, vestidos de praia. Folco volta.

Folco – Senhores, senhoras... Tiveram um bom dia?

Patrick – Quisemos nadar, mas a água estava gelada!

Christelle – Tens a certeza de que isto é o Mediterrâneo? A água está ainda mais fria do que na Bretanha!

Folco – É por causa do Mistral, um vento que empurra as águas quentes da superfície para o mar aberto.

Patrick – E este Mistral vai durar muito?

Folco – Deverá acalmar ao fim da tarde.

Patrick – É verdade, parece que já está a soprar um pouco menos.

Christelle – Sim, mas os mosquitos voltaram.

Patrick – E a câmara municipal não faz nada contra os mosquitos?

Folco – Ah, sim... Fazemos uma campanha de tratamento aéreo todos os anos.

Christelle – Aéreo?

Folco – Com helicópteros. Lançamos napalm sobre os arrozais. Com música de Wagner de fundo. Devem ver isso pelo menos uma vez na vida, asseguro-vos que é realmente espetacular.

Folco sai. Patrick e Christelle trocam um olhar perplexo.

Patrick – Sabias que tratam os mosquitos com napalm na Camargue?

Christelle – Não...

Patrick – Deve ser por isso que não cresce muito por aqui.

Patrick e Christelle saem.

Cena 5

Fanny volta com Sara.

Fanny – É um desastre... A caldeira acabou de avariar! Não há água quente em todo o hotel.

Sara – Pediste ao teu marido para dar uma olhada?

Fanny – Rafael? Antes de ser hoteleiro, trabalhava no departamento de registo de automóveis na prefeitura. Mesmo para mudar uma lâmpada, ele teria medo de se electrocutar...

Sara – Não sei... Não têm um canalizador?

Fanny – Sim, mas está preso numa obra em Marselha. Conheces algum, por acaso?

Sara – Tenho um primo que é um pouco faz-tudo, sempre posso perguntar se ele pode vir.

Fanny – De acordo.

Rafael chega.

Rafael – Infelizmente, uma desgraça nunca vem sozinha...

Fanny – O que se passa agora...?

Sara – A bomba de gasolina mesmo em frente acabou de ser reabastecida.

Fanny – Sem água quente e com gasóleo na bomba... Todos os nossos clientes irão embora! Ficaram apenas porque não tinham gasolina para sair...

Rafael – Devíamos encontrar algo para fazer com que queiram ficar...

Fanny – Embora não faltem atividades por aqui.

Rafael – Sim, mas com estas greves, as pessoas já não vão de férias. Quando estes poucos naufragos da estrada se forem, o hotel estará vazio...

Sara – Sim... Precisaríamos de um milagre para salvar a temporada...

Fanny – Obrigada pelo ânimo... Tens alguma ideia?

Sara – Poderia acender uma vela na igreja e pedir a ajuda da Virgem Negra.

Rafael – Obrigado, agora sinto-me muito mais tranquilo...

Um momento.

Fanny – Poderíamos organizar uma noite musical. (*A Sara*) Não conheces músicos por aqui?

Sara – Tenho um primo que toca flamenco, infelizmente também está preso em Marselha, como o teu canalizador.

Fanny – Numa obra?

Sara – Não... Na prisão.

Fanny – Cantava tão mal assim?

Sara – É uma história um pouco complicada...

Rafael – Nesse caso, a menos que consigamos fazê-lo escapar...

Escurece.

Acto 4

Cena 1

Victor e Diane estão sentados a uma mesa. Estão a tomar o pequeno-almoço. Entram Patrick e Christelle.

Patrick – Senhores, bom apetite.

Victor – Obrigado, é muito amável da sua parte.

Diane – Dormiram bem?

Christelle – Bem... embora acordar tenha sido um pouco difícil. Não havia água quente! Ainda está um pouco fresco de manhã...

Diane – Ah, sim, nós também não. Tivemos de tomar banho com água fria. Dizem que isso rejuvenesce a pele, mas bem...

Victor – Enfim, vamos poder regressar à Riviera. A bomba de gasolina foi reabastecida.

Patrick – E nós vamos retomar o caminho para Espanha.

Diane – Embora aqui não esteja assim tão mal.

Patrick – Sim... ontem fui pescar, apanhei dois bacalhaus. Dei-os à dona... O que é que ia fazer com dois bacalhaus num quarto de hotel?

Victor – Tem a certeza de que eram bacalhaus? Os bacalhaus são mais comuns nos mares do norte, não? Não estou certo de que se encontrem no Mediterrâneo...

Diane – Embora a água estivesse tão fria ontem. Não me surpreenderia que os bacalhaus viessem passar as férias aqui...

Christelle – Em todo o caso, fizeste um amigo.

Patrick – Ele também é de Paris. Vem aqui todos os anos em autocaravana.

Christelle – Entretanto, mantive o meu bronzado integral. Disseram-vos que há uma praia de nudismo um pouco mais adiante?

Diane – Uma praia de nudismo... Vejam só...

Patrick – Se estiverem interessados, amanhã podem vir connosco...

Victor – Não sei se... (*A Diane*) O que achas, querida?

Diane, envergonhada, não responde.

Christelle – É verdade que a água do mar está ainda mais fria do que a do duche, mas bem... Havia flamingos nos tanques e cavalos na praia. Foi maravilhoso.

Patrick – E vocês, o que fizeram?

Victor – Fomos ao museu ornitológico.

Christelle – Um museu... ornitológico? E o que há lá?

Diane – Pássaros. Um parque ornitológico, sabe?

Patrick – Pássaros, aqui há por toda parte, não? Inclusive há no lago atrás da piscina. Não é necessário ir a um museu para vê-los.

Diane – Sim, mas lá podemos nos aproximar mais. E depois, há placas com o nome de cada pássaro.

Christelle – Estão empalhados?

Victor – Não, estão vivos! Há placas... na frente do local onde eles estão.

Patrick – Estão em gaiolas, então?

Diane – Ah não, estão em liberdade.

Christelle – Mas se os pássaros se moverem, não estarão mais na frente da placa.

Victor – Não, você tem razão.

Patrick – Se não estão presos, podem sair até do museu, não?

Diane – Sim, suponho.

Christelle – Que museu curioso... Imaginem o Louvre, com a Mona Lisa passeando por Paris com a Vênus de Milo?

Patrick – Terminamos o dia num restaurante de paelha. Havia ciganos tocando flamenco. Foi realmente típico. Não foi, Christelle?

Christelle – Sim. Com uma jarra de sangria para acompanhar... Passamos uma noite excelente...

Patrick – Perguntamo-nos por que fazemos tantos quilómetros para ir à Espanha. Se na Camargue há praças de touros, sangria e paelha, flamenco e ciganos...

Christelle – Não sabia que havia ciganos na Camargue.

Cena 2

Folco chega com Fanny.

Patrick – Ah, aí está o Folco, ele poderá nos dar informações...

Christelle – Ele sabe tudo sobre a história da Camargue. Só precisa perguntar...

Patrick – Diga-me, Folco, há muitos ciganos por aqui?

Folco – Depende das estações. Os ciganos são como os flamingos e os turistas. São migratórios, mas alguns estão sedentarizados.

Fanny – A Camargue é uma terra de acolhimento, sabe? Está profundamente enraizada na sua história e tradições, mas também está aberta à modernidade e ao mundo.

Folco – Saintes Maries de la Mer é a capital da Camargue... mas também é a capital de todos aqueles para quem as fronteiras não são barreiras.

Fanny – Duas vezes por ano, todos os ciganos da Europa se reúnem aqui para venerar sua santa padroeira, Sara, a Virgem Negra. É um evento que não devem perder, acreditem.

Christelle – Teremos que voltar, não é, Patrick?

Diane – Sim, nós também... Não é, Victor? Deve ser muito pitoresco...

Fanny – Lamento muito a falta de água quente. A caldeira avariou, mas tentaremos consertá-la o mais rápido possível...

Chegam Sara e Paco, um tipo atraente e moreno de aspecto latino.

Sara – Aqui está o Paco, o primo de quem lhes falei...

Fanny – Bom dia, senhor... Então... você é encanador?

Paco – Entre outras coisas, sim...

Sara – Paco vai participar do concurso de Mister Camargue, no sábado, nas arenas.

Fanny – Ah, sim... Isso não me surpreende. Mas... não trouxe suas ferramentas?

Paco – Trabalho com o ouvido.

Fanny – Com o ouvido?

Sara – Ele tem um dom para isso... Só de ouvir o barulho que faz um carro, ele pode saber de onde vem a avaria. Suponho que para as caldeiras deve ser igual...

Fanny – Bem, então deixo vocês verificarem... Bem, ouvirem, na verdade...

Sara e Paco saem. Chega Rafael.

Rafael – Quem é esse sedutor latino?

Fanny – O homem que fala com as caldeiras...

Rafael – Desculpa?

Fanny – É o primo da Sara. Vou te explicar...

Rafael – Tem mais cara de cantor de flamenco do que de encanador, mas tudo bem...

Patrick – Não era o cara que cantava naquele restaurante ontem à noite?

Christelle – Ah, sim, pode ser...

Fanny – Então... o que vão fazer hoje?

Victor – Vamos começar por fazer as malas... Nossos amigos nos esperam para almoçar em Nice.

Rafael – Já estão indo embora?

Diane – Infelizmente... Mas voltaremos, prometemos.

Victor e Diane saem. Sam e Fred chegam.

Fanny – E vocês, senhoras? Vão ficar alguns dias conosco, espero?

Sam – Seria um prazer, mas temos que pegar o trem amanhã em Arles para voltar a Paris...

Fanny está quase chorando.

Fanny – Então todos estão indo embora... É bobo, mas... vocês são nossos primeiros clientes, e já estava começando a me apegar a vocês...

Rafael – Vais ter que te acostumar, querida. Abrimos um hotel, não uma casa de repouso. Se começares a chorar cada vez que um cliente se for...

Fred – E voltaremos! Não é, Sam?

Sam – Claro...

Fred – Enquanto isso, vamos aproveitar este último dia.

Sam – Planejamos um passeio a cavalo com Marius.

Fred – E esta noite vamos às arenas para participar da eleição de Mister Camargue.

Fanny – Olha só... Já sabem em quem vão votar...

Sam – O irmão dele é um homem muito bonito...

Paco e Sara voltam.

Fred – Mas este aqui também não está nada mal...

Fanny (*ao ver Paco*) – Já?

Sara – Eu te disse, ele tem um dom... É de família...

Rafael – E então?

Paco – Quando faz tac tac, é um problema elétrico. Quando faz glu glu, é um problema no circuito de água.

Fanny – E agora?

Paco – Faz toc toc.

Rafael – E... é grave, doutor?

Paco – Quando faz toc toc, geralmente é o carburador.

Rafael – O carburador? Não sabia que havia um carburador numa caldeira a gás...

Fanny – Mas você pode consertar?

Paco – Ah, eu não conserto caldeiras, minha especialidade são os carros...

Sara – Sobretudo, carros usados.

Fanny se deixa cair numa cadeira.

Fanny – Estivemos preparando a abertura deste hotel durante meses... E agora, a caldeira falha... Sem água quente, a temporada está arruinada! Todos os nossos clientes vão embora... Onde vamos encontrar um encanador?

Fanny começa a chorar.

Christelle – Não chore assim, por favor...

Fanny – Desculpe, são os nervos...

Christelle – Tens um problema com a tua caldeira, certo?

Rafael – Ela parou de funcionar repentinamente ontem à meia-noite...

Christelle – Mas vamos, Patrick, faça algo!

Patrick – Bem, vou dar uma olhada...

Christelle – Meu marido é encanador.

Fanny – De verdade? É como se Deus o tivesse enviado! Vou te mostrar onde está a caldeira...

Fanny e Rafael saem com Patrick e Christelle. Depois todos saem.

Cena 3

Marius passa e se cruza com Paco. Eles se olham sem dizer uma palavra.

Cena 4

Sam regressa e observa os flamingos com binóculos. Fred chega. Depois chega Folco.

Fred – Ah, Folco... Justamente queria fazer-lhe uma pergunta...

Folco – Sim... Qual é?

Fred – Sabe por que os flamingos são cor-de-rosa?

Folco – Se é uma piada, do tipo por que os flamingos dormem sobre uma pata só, devo dizer que não a conheço e gostaria de ouvi-la.

Fred – Eh... não, não é uma piada.

Folco – Bem, imaginava...

Fred – E então?

Folco – Então, os flamingos são cor-de-rosa porque se alimentam de pequenos camarões que contêm um pigmento vermelho.

Fred – Ah, sim... Ouviste, Sam? (*Mas Sam parece mais absorta na sua observação*) Então, é um pouco como quando tomamos comprimidos de betacaroteno para ficar com a pele rosada.

Sam – É curioso, no entanto, não fumei nada esta manhã...

Fred – O quê?

Sam (*passa-lhe os binóculos*) – Olha! Não notas nada?

Fred – Não...

Sam – Os flamingos! São azuis...

Fred – Ah, sim, caramba... É verdade! (*Passa os binóculos a Folco*) Também os vê azuis?

Folco olha através dos binóculos.

Folco – Sim...

Sam – Não pode ser que os três sejamos daltonicos.

Fred – Talvez as fêmeas sejam rosas e os machos azuis.

Sam – Deve haver uma explicação científica...

Folco – Sim...

Fred – Talvez tenham comido camarões azuis.

Sam – Mas isso não explicaria por que os camarões se tornaram azuis...

Folco – Ou talvez seja um milagre da Virgem Negra.

Elas viram-se para Folco.

Fred – A Virgem Negra?

Folco – Sara. É a Santa Padroeira dos Ciganos.

Sam olha para a capa de La Provence.

Sam – Ah sim, vejam! Está na La Provence... Apareceram flamingos azuis repentinamente em Saintes Maries de la Mer este fim de semana...

Folco pega o jornal e lê o artigo.

Folco – Dizem que os curiosos começam a chegar de todas as partes. (*Colocando o jornal de volta*) A este ritmo, em três dias será Woodstock aqui...

Fred – Flamingos azuis... Não é tão impressionante como uma aparição da Virgem...

Sam – Mas de qualquer forma é muito surpreendente... Deve ser a mudança climática.

Fred – Ou talvez seja uma montagem...

Sam – Uma montagem?

Fred – Falsos milagres para atrair turistas, já não se viu isso antes?

Sam – Você acha que Bernadette Soubirous estava em uma missão para o Escritório de Turismo de Lourdes?

Sam e Fred saem. Folco também sai.

Cena 5

Patrick regressa ao mesmo tempo que Fanny e Rafael.

Fanny – Conseguiu fazer alguma coisa?

Patrick – Só era um fusível queimado. Tenho que dizer que a vossa instalação elétrica não é exatamente nova.

Rafael – E então?

Patrick – Troquei o fusível e a caldeira voltou a funcionar.

Fanny – É um milagre! Posso dar-lhe um beijo?

Ela o beija, enquanto Rafael lê o jornal.

Rafael – Falando de milagres, viste o jornal?

Fanny – Se achas que tenho tempo para ler o jornal...

Rafael – Mesmo assim, deverias dar uma olhada.

Ele passa-lhe o jornal, mas o telefone toca ao mesmo tempo e ela atende.

Fanny – "Hotel Os Flamingos", diga-me? Uma reserva? Claro. Para quantas pessoas? Oito?

Patrick (a Rafael) – Parece que os negócios estão a melhorar...

Escurece.

Ato 5

Cena 1

Cena muda, em um ambiente surrealista. Música de western ao estilo "Era Uma Vez no Oeste". Primeiro chega Marius, vestido de cowboy, com pistolas na cintura. Depois entra Paco, vestido de forma semelhante. Ambos caminham lentamente antes de se enfrentarem, como em um duelo do oeste. A cena escurece. A música para. Ouve-se dois tiros de revólver. Pequeno interlúdio musical no escuro enquanto todos os personagens tomam seus lugares para a cena final.

Cena 2

A luz retorna sobre uma festa de despedida com todos os personagens da peça. Uma pequena orquestra, composta conforme os talentos de cada um (ou eventualmente por músicos que não tenham tido papéis na peça), toca um tango. Na falta disso, pode-se utilizar uma faixa de áudio. Alguns casais dançam, mas não são os casais originais. Victor dança com Christelle e Patrick com Diane, brincando com o contraste das classes sociais de origem. Patrick, em particular, segura Diane com firmeza, o que parece não desagradar a ela. Marius e Paco usam cada um uma faixa de Mister Camarga. Fanny e Rafael observam os dançarinos. A cada diálogo, a música diminui de intensidade.

Fanny – No final, todos ficaram...

Rafael – E parece que a coisa está funcionando...

Fanny – Esta pequena festa foi uma boa ideia para celebrar este começo de temporada um pouco caótico.

Rafael – Enquanto esperamos a chegada de novos clientes, que estão chegando de toda parte para admirar os nossos flamingos azuis.

Fanny – Já estamos lotados para as próximas três semanas.

Rafael – Outro milagre que podemos atribuir a Sara...

Fanny – Sim... Mas a qual devemos agradecer?

Rafael – Àquela que tem a estátua na cripta da nossa igreja ou àquela que contratamos como recepcionista?

Trocam um pequeno gesto amistoso com Sara.

Fanny – Proponho que renomeemos nosso hotel Os Flamingos Azuis...

Rafael – Pelo menos será o único estabelecimento com um nome assim...

A dança continua.

Sam – Em quem votaste?

Fred – No Marius. E tu?

Sam – No final, votei no Paco.

Fred – Não é surpreendente que tenham empatado.

Sam – É verdade que ele também é muito atraente...

Fred – Olha só aquele traseiro...

Sam – Acho que estamos indo por um caminho errado...

Fred – Sim...

Sam – Qual é o equivalente de "macho" para uma mulher?

Fred – "Macha"?

A dança continua.

Diane – Meu Deus, Patrick, és um excelente dançarino... Faz muito tempo que meu marido não me faz dançar assim... Estou ficando tonta...

Patrick – Teremos que repetir no próximo ano...

Victor faz Christelle dançar com muito mais compostura.

Victor – Esta pequena festa improvisada é realmente pitoresca. Deveríamos fazer isso mais vezes.

Christelle – Quando todos estivermos de volta a Paris, venham tomar um aperitivo em nossa casa um dia desses.

Sam e Fred olham os dançarinos enquanto tomam um copo de vinho rosé.

Sam – Este vinho rosé é definitivamente ruim...

Fred – Sim... mas é orgânico.

Sam – Não importa o vinho, contanto que nos embriague.

Marius se aproxima e se dirige a Fred.

Marius – Danças?

Fred – Eu adoraria, mas não sei dançar tango.

Marius – Eu te ensinarei, verás que é muito fácil. Só precisas deixar-te levar.

Fred – Então, entrego-me completamente em teus braços...

Marius e Fred vão dançar, assim como Rafael e Fanny, enquanto os outros dois casais voltam a sentar-se. Paco se aproxima de Sam.

Paco – Concedes-me esta dança?

Sam – Espera, vou verificar minha agenda... (*Finge olhar para a tela do meu telefone*)
Sim, acho que tenho um espaço livre.

Paco e Sam vão dançar.

Victor – São as melhores férias que tivemos em muito tempo, não é, querida?

Diane – Sem dúvida, nos entediamos menos do que na Riviera... Nos divertimos pra caramba, não?

Victor – Ainda assim, cuida tua linguagem, Senhora Baronesa. Acho que nossos novos amigos estão te influenciando mal...

Riem. Folco se aproxima.

Christelle – No final, a Camargue é tão boa quanto a Espanha.

Patrick – E está muito mais perto.

Christelle – Voltaremos no próximo ano para as Saintes Maries de la Mer...

Folco – Serão bem-vindos. Na Camargue, nos orgulhamos de nossos flamingos rosados, mas até os flamingos azuis são bem-vindos, contanto que amem nossa região e respeitem nossas tradições.

Sara vira o letreiro no balcão, e no outro lado aparece a inscrição "Os Flamingos Azuis".

A festa continua.

Corte para preto.

FIM

O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentistas na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 100 comédias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*).

É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, varias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

Para amadores ou profissionais, a procura de um texto, Jean-Pierre Martinez optou por oferecer as suas peças em download gratuito no seu site La Comédiathèque (comediatheque.net). No entanto, qualquer representação publica fica sujeita a autorização junto da SACD.

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Comédias para 2

A janela da frente
Cara ou coroa
Ela e Ele
Encontro na plataforma
EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
Os Naufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue

Comédias para 3

Crash Zone
Cuidado frágil
Méngae à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem consequências
Um pequeno passo para uma mulher, um salto no vazio para a Humanidade...

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Denominação de Origem não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
O amor é cego
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Quarentena
Quatro estrelas
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Flagrante delírio
Nochebuena en la comisaría
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Pronóstico Reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas

Comedias para 7 ou mais

A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Jogo de Escape
O Jackpot
O Sorteio do Presidente
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Nem sempre a música amansa as feras...
Pré-histórias Grotescas
Réveillon na esquadra
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Comedias de sainetes (sketches)

Breves do tempo perdido
Cenas de rua
Corações Abertos
Ela e Ele
Morrer de Rir

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

*Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser baixadas livremente no seu site :*
<https://comediathèque.net>

*Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Junho de 2024

© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-217-3

Documento para download gratuito